

# TRANSFORMAÇÕES DAS PAISAGENS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MANDIRA (CANANEIA, SP) DE 1962 A 2018

## TRANSFORMATIONS OF LANDSCAPES IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF MANDIRA (CANANEIA, SP) FROM 1962 TO 2018

## TRANSFORMACIONES DE PAISAJES EN LA COMUNIDAD QUILOMBOLA DE MANDIRA (CANANEIA, SP) DE 1962 A 2018

Luciene Cristina Risso<sup>1</sup>

Daniela Fernanda da Silva Fuzzo<sup>2</sup>

**RESUMO:** A comunidade quilombola de Mandira está localizada no município de Cananeia, no litoral sul do Estado de São Paulo, Brasil. Trata-se da história de afrodescendentes que resistiram ao escravagismo e que se mantiveram nesse local, devido a doação de terras no ano de 1868, formando o quilombo. Todavia, a partir de 1975, por questões fundiárias, uma parcela da comunidade foi obrigada a se mudar para outro local do território. Esse fato instigou-nos a realizar os mapeamentos temporais com o objetivo de comprovar espacialmente este fato histórico, contribuindo com a luta da comunidade no processo demarcatório, além de interpretar e comparar as principais transformações do uso da terra. A metodologia foi baseada em bibliografias, artigos on-line sobre a questão quilombola, dando ênfase no estudo de caso, trabalhos de campo e técnicas de geoprocessamento. Pela interpretação comparativa integrada da paisagem, os mapeamentos produzidos sobre a cobertura e uso da terra dos anos de 1962 e 2018 (atual) mostraram a localização da área ancestral do quilombo, a qual, encontra-se atualmente em fase de sucessão ecológica em estágio avançado. Todavia, precisamos dizer que por detrás da sucessão ecológica, esconde-se a injustiça social, que só pode ser vista mediante sua história. De forma geral, observando e comparando os usos da terra, o território está muito conservado, sendo uma comunidade caracterizada pela sustentabilidade de suas paisagens repletas de mata atlântica e manguezais.

**Palavras-chave:** Mapeamentos. Geografia histórica. Quilombo. Manguezal.

---

1 Profa. Dra. em Geografia, Universidade Estadual Paulista (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6238-356X>. E-mail: [luciene.risso@unesp.br](mailto:luciene.risso@unesp.br)

2 Profa. Dra. da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), unidade Frutal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0442-5578>. E-mail: [daniela.fuzzo@uemg.br](mailto:daniela.fuzzo@uemg.br)

Agradecimentos: Agradecemos à FAPESP, pelo fomento à pesquisa, e à comunidade de Mandira por todo o apoio e contribuição nos trabalhos de campo.

Artigo recebido em setembro de 2022 e aceito para publicação em novembro de 2022.

**ABSTRACT:** The quilombola community of Mandira is located in the municipality of Cananeia, on the southern coast of the State of São Paulo, Brazil. It is the story of Afro-descendants who resisted slavery and who remained in that place, due to the donation of land in 1868, forming the quilombo. However, from 1975 onwards, due to land issues, a portion of the community was forced to move to another part of the territory. This fact prompted us to carry out temporal mappings with the objective of proving spatially this historical fact, contributing to the community's struggle in the demarcation process, in addition to interpreting and comparing the main changes in land use. The methodology was based on bibliographies, online articles on the quilombola issue, emphasizing case studies, field work and geoprocessing techniques. Through the integrated comparative interpretation of the landscape, the mappings produced on the land cover and use of the years 1962 and 2018 (current) showed the location of the ancestral area of the quilombo, which is currently in an advanced stage of ecological succession. However, we need to say that behind the ecological succession, social injustice is hidden, which can only be seen through its history. In general, observing and comparing land uses, the territory is very well preserved, being a community characterized by the sustainability of its landscapes full of Atlantic forest and mangroves.

**Keywords:** Mappings. Historical geography. Quilombo, Mangrove.

**RESUMEN:** La comunidad quilombola de Mandira está ubicada en el municipio de Cananeia, en la costa sur del Estado de São Paulo, Brasil. Es la historia de afrodescendientes que resistieron la esclavitud y que permanecieron en ese lugar, debido a la donación de tierras en 1868, formando el quilombo. Sin embargo, a partir de 1975, por problemas de tierras, una parte de la comunidad se vio obligada a trasladarse a otra parte del territorio. Este hecho nos impulsó a realizar mapeos temporales con el objetivo de constatar espacialmente este hecho histórico, contribuyendo a la lucha de la comunidad en el proceso de demarcación, además de interpretar y comparar los principales cambios de uso de suelo. La metodología se basó en bibliografías, artículos en línea sobre el tema quilombola, con énfasis en estudios de casos, trabajo de campo y técnicas de geoprosesamiento. A través de la interpretación comparativa integrada del paisaje, los mapeos producidos sobre la cobertura y uso del suelo de los años 1962 y 2018 (actuales) mostraron la ubicación del área ancestral del quilombo, que actualmente se encuentra en una etapa avanzada de sucesión ecológica. Sin embargo, es necesario decir que detrás de la sucesión ecológica se esconde la injusticia social, que solo se puede ver a través de su historia. En general, observando y comparando los usos del suelo, el territorio se encuentra muy bien conservado, siendo una comunidad caracterizada por la sostenibilidad de sus paisajes llenos de selva atlántica y manglares.

**Palabras clave:** Mapeos. Geografía histórica. Quilombo. Mangle.

## **INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa abarca uma Geografia interdisciplinar, dialogando com a História, Antropologia e a Geografia Cultural e Ambiental, com o objetivo de compreender a complexa relação entre culturas e paisagens. A cultura estudada é a quilombola, denominação social de afrodescendentes que resistiram ao modelo opressor vigente.

Os africanos advindos da complexidade de povos de seu continente foram retirados à força de seus lugares e eram traficados para além do Atlântico através dos navios negreiros, cujo comércio intensificou-se a partir do século XVII. Ao chegarem nas colônias, eram vendidos e forçados a trabalhar na agricultura e na mineração.

Os negros escravizados foram destituídos de sua condição humana, tornando-se mercadoria. No Brasil, o trabalho nas fazendas não era nada fácil. Viviam em senzalas, em condições péssimas, de sol a sol e, ainda, violentados.

Na região do vale do rio Ribeira de Iguape que engloba a área de estudo, os africanos vieram para trabalhar na mineração logo no final do século XVI (TURATTI, 2002), diante dos achados de ouro no Rio das Minas e no litoral sul, de Paranaguá e Guaraqueçaba, por volta de 1570 (LICCARDO; SOBANSKI; CHODUR, 2004), e na rizicultura, nos séculos XVII e XVIII.

Como forma de se opor à estrutura escravocrata, vários escravizados fugiram das fazendas e formaram núcleos de resistência denominados quilombos. Todavia, o histórico da formação de quilombos não se refere somente a fugas (MUNANGA, 1995-96), uma vez que há outros tipos de processos, como heranças, doações, compra de terras etc.

Essa é a razão do vale do rio Ribeira do Iguape ser a região que com maior quantidade de comunidades de quilombos reconhecidas e em processo de reconhecimento, vivendo em 70% de floresta de mata atlântica preservada. Há cinquenta e uma Terras Quilombolas encontradas, em todas as situações fundiárias, distribuídas, principalmente, nos municípios de Eldorado, Iporanga, Barra do Turvo, Cananeia, Iguape, Itaoca e Jacupiranga (COMISSÃO PRÓ INDIO, 2022).

Portanto, a área de estudo elegida é importante porque se trata da história de um povo resiliente, que criou um modo de vida diferenciado nas paisagens da mata atlântica e ecossistemas associados.

As paisagens exprimem as formas materiais associadas ao mundo simbólico. Nos diz Nogué (2008, p.19) que “El paisaje, a partir de ahora, se concebirá como una forma, pero también como una metáfora y como un sistema de signos y de símbolos”. Portanto, para entender as paisagens e o território do quilombo de Mandira em Cananeia (SP), é preciso contar sua história e cultura. Portanto, essa pesquisa une geo-história e mapeamento.

A história da comunidade de Mandira remonta a época do escravismo. Seus afrodescendentes lutaram e resistiram ao escravagismo e se mantiveram nesse local, devido a doação de terras no ano de 1868, formando o quilombo. A partir de 1975, por ocasião de conflitos fundiários, uma parcela da comunidade foi obrigada a se mudar para outro local do território. Esse fato instigou-nos a realizar os mapeamentos temporais

com o objetivo de comprovar espacialmente este fato histórico, contribuindo com a luta da comunidade no processo demarcatório, além de interpretar e comparar as principais transformações do uso da terra. Isso significa que este estudo não se trata de verificar, tecnicamente, as mudanças de uso da terra, uma vez que os resultados seriam insuficientes para explicação de suas transformações.

O objetivo da pesquisa foi verificar as principais transformações paisagísticas do território dos Mandira, através de mapeamentos temporais. O recorte temporal foi dado justamente pelos critérios históricos.

Os mapeamentos realizados confirmaram essas mudanças de forma inédita, contribuindo para o registro histórico e as memórias da comunidade, integrante de uma pesquisa mais ampla em Mandira, que teve apoio da FAPESP, de 2016-2018 (RISSO, 2018; PAISAGENS e memórias, 2022).

Desse modo, estruturamos o texto em duas partes. A primeira parte discorre sobre a história dos Mandira, indicando as paisagens vividas ao longo do tempo, e a segunda parte apresenta os resultados, interrelacionando os mapeamentos produzidos, complementando essa História.

Esperamos que este estudo contribua com os estudos culturais e da interpretação das paisagens de modo integrado.

## **METODOLOGIA**

O estudo foi baseado em revisão bibliográfica, artigos, referências on-line, relatórios sobre o tema dos quilombos em geral e do estudo de caso, trabalhos de campo e produção de mapeamentos de cobertura e uso da terra via técnicas de geoprocessamento.

De acordo com o IBGE (2013), o termo cobertura da terra faz referência às áreas naturais, como vegetação nativa, hidrografia etc., e o termo uso da terra remete às áreas modificadas socialmente.

Para o mapeamento de 1962, utilizou-se como base as fotografias aéreas de 1962, encontradas no acervo do Arquivo de Fotografias Aéreas – AFA - graças à indicação do professor Dr. Reinaldo Paul P. Machado, da USP. O responsável pelo acervo, o técnico Dr. Pablo Nepomuceno, gentilmente disponibilizou-as.

Foram utilizadas as imagens da plataforma online Google Earth, para o desenvolvimento do mapa de 2018. A escolha desse produto se deu pela qualidade da resolução espacial.

As imagens foram georreferenciadas e a classificação de Uso da Terra foi elaborada por meio do processo de vetorização manual, através da visualização das categorias identificadas. Para isso, foi utilizado como referencial o Manual Técnico do Uso da Terra do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2013). O IBGE utiliza a nomenclatura para o levantamento do uso e cobertura da terra organizados em três níveis hierárquicos, são adotadas categorias gerais, que, em seguida, são divididas em subcategorias, dependendo da escala de análise utilizada.

Realizou-se trabalhos de campo (antes e depois) referentes ao uso da terra, principalmente na área da planície costeira, onde encontrou-se florestas, brejos preenchidos

pela vegetação de caixeta, áreas de transição, restingas e manguezais. A Figura 1 mostra algumas chaves de interpretação. Assim, padronizou-se como manguezal, inclusive as áreas de transição (ecótonos).



Fonte: Google Earth com edições de Risso (2018).

**Figura 1.** Chaves de interpretação da floresta, transição e manguezal.

As áreas de capoeiras foram áreas de antigos cultivos da comunidade, que, hoje, tornaram-se matas em diferentes tempos sucessionais, também chamadas de capoeiras. Embora possuam uma coloração diferente (Figura 2), foram englobadas como floresta.



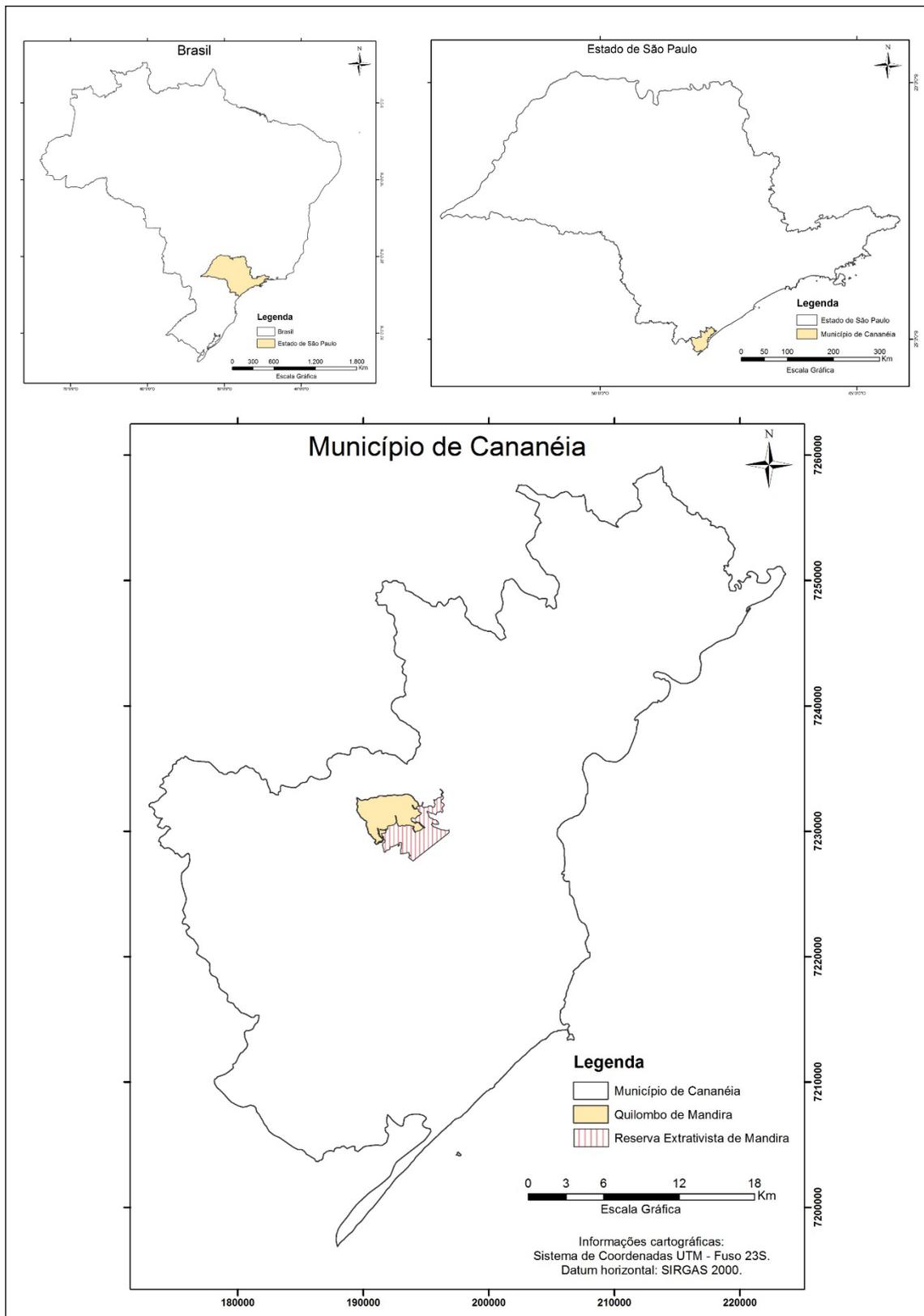
Fonte: organizada por Risso (2018)

**Figura 2.** Chave de interpretação da forma “capoeira”.

De posse desses materiais, pôde-se mapear as formas materiais das paisagens de quando a comunidade quilombola morava a oeste do território até 1975, via mapeamento de cobertura e uso da terra, podendo estabelecer comparações com o mapa atual (2018) de forma inédita.

## **PAISAGENS E HISTÓRIA DO QUILOMBO DOS MANDIRA**

Mandira está localizada no município de Cananeia, na chamada Cananeia – Continente, uma área rural com muita história no litoral sul do Estado de São Paulo, na região geográfica do Vale do Ribeira, Brasil. A territorialidade dos Mandira integra, atualmente, o território do quilombo e a Reserva Extrativista (Figura 3).



Fonte: Desenho de Angela Crespo.

Figura 3. Mapa de localização.

Geomorfologicamente, a paisagem é constituída de planaltos em morfoestruturas de cinturões orogenéticos (ROSS, 2006, p.67), com serras e morros alongados em torno de 900 metros. As principais serras são a Serra do Mandira e Serra do Boacica cobertas pela floresta de mata atlântica, denominada por Romariz (1996, p.7) de floresta latifoliada tropical úmida da encosta, caracterizada por árvores entre 20 e 30 metros, formando um dossel, alto índice de umidade, solos pouco profundos e alta biodiversidade (Figura 4). Por entre as serras, há muitas nascentes e cachoeiras. Na planície costeira, há rios exorréicos e os manguezais.



Fonte: Foto de Luciene Cristina Risso.

**Figura 4.** Paisagens serranas e planície costeira.

Mandira situa-se na área rural da cidade de Cananeia, com aproximadamente 100 moradores, sendo que a cidade de Cananeia tem uma população de 12.226 habitantes (IBGE, 2010). Nas paisagens de Mandira, foi instalada uma fazenda de arroz chamada Fazenda Andrade, usando mão de obra negra escravizada no século XVIII. Após a crise da rizicultura, por volta de 1850, os proprietários perderam o interesse nela, ocasião em que Francisco Mandira, ex-escravizado, herdou as terras da sua meia irmã branca, chamada Celestina Andrade, em 1868.

Portanto, o quilombo de Mandira foi constituído através de doação de terra. Como afirma Antonio Bispo dos Santos (2015), os quilombos são territórios de resistência ao sistema colonial, são contracoloniais, assim como os povos indígenas.

Daí por diante, uma nova história iniciou para os Mandira. Nessas paisagens, o território dos Mandira foi sendo construído com base no vivido e de suas relações culturais. É um território de paisagem alternativa, como colabora Cosgrove (1998, p.117), já que este

é marginalizado pelo poder da cultura dominante e resistente à opressão histórica colonial (SANTOS, 2006). Assim, as relações fronteiriças foram (e são), em muitos momentos, conflitantes, já que o fim da escravidão foi incompleto e não significou o fim do racismo.

A construção do quilombo é diferenciada, pois é constituída por “corpos negros na diáspora escravista, conceito que amplia a noção de África e africanidade na perspectiva das fronteiras geográficas” (MIGUEL; PAULA JUNIOR, 2019, p.1). Valendo-se, ainda, dos autores citados, o novo território se conduzirá “dialogando com suas heranças milenares transportadas em seus corpos e, também, com as culturas e situações que encontrará na diáspora que será constituída a cultura de resistência, a cultura afro-brasileira” (MIGUEL; PAULA JUNIOR, 2019, p.5).

A partir da década de 1970, parte da comunidade foi desterritorializada, nos termos de exclusão/desapropriação, perda do acesso à terra (HAESBAERT, 2006), mudando-se para a extremidade leste e se reterritorializando, transformando e ressignificando a vida e suas relações com as paisagens. Isso foi devido ao processo de compra e venda obscura de parte dessas terras; Turatti (2002, p.28) afirma, no relatório de identificação da terra, que foram “obrigados a abandonar a porção de terras que ocupavam e na qual trabalhavam – já que estas terras [...] eram as mais férteis da comunidade”. A escritura do comprador data de 1975.

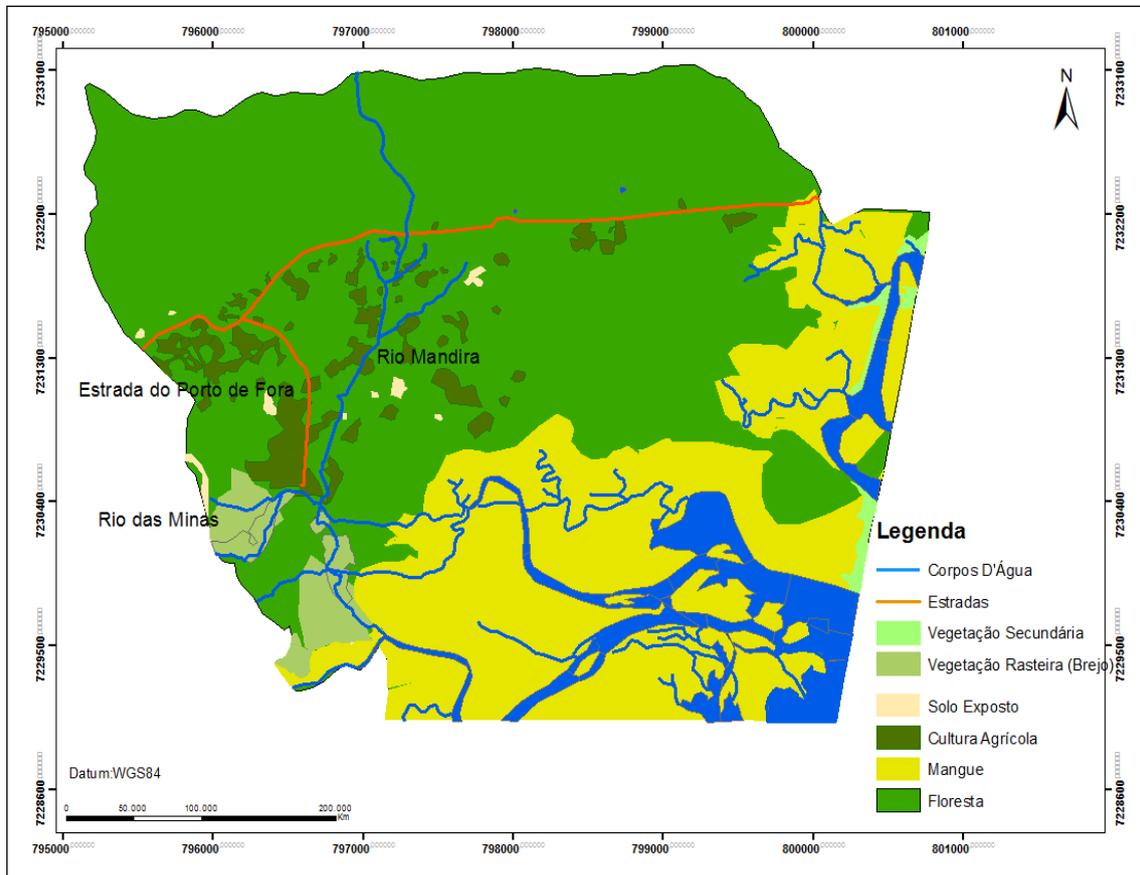
A partir de então, iniciaram a vida na nova área reterritorializada (a leste do território), e passaram a se dedicar ao extrativismo de ostras (*Crassostrea brasiliana*) dos manguezais. A comunidade começou a empreender essa nova atividade, contudo a autoestima era baixa devido ao preconceito racial e de classe.

Com o tempo, o movimento negro se fortaleceu e contribuiu com o direito constitucional de 1988, o qual foi importante reconhecimento e acesso a direitos. A comunidade de Mandira, ao descobrir esse direito constitucional, iniciou o requerimento das famílias de João Vicente para ser reconhecido como terra de quilombo, amparada legalmente pelo artigo 68 da Constituição Federal de 1988. Assim, após o estudo técnico da equipe de Turatti (2002), a comunidade foi reconhecida como terra de quilombo, em 2002. O reconhecimento como tal foi um instrumento marcante para a garantia territorial, empoderamento e valorização identitária como quilombola (SILVEIRA, 2017). Além disso, houve o processo para criação da reserva extrativista federal (a primeira do estado de São Paulo), para manejo de ostras de forma sustentável pelas comunidades neste mesmo ano do reconhecimento quilombola.

Em suma, atualmente, as paisagens do Mandira são protegidas, trazendo benefício mútuo e qualidade de vida para esse povo.

## **RESULTADOS**

Através do mapa de 1962 (Figura 5), observa-se que as áreas classificadas como de cultura agrícola e solo exposto foram espaços de moradias e cultivos da comunidade. A territorialidade da comunidade, portanto, estava a oeste do território atual, nas proximidades da ocupação de seus antepassados, ou seja, nas paisagens da Fazenda Andrade e do rio Mandira.



Fonte: Produzido pelas autoras.

**Figura 5.** Mapa de cobertura e uso da terra de 1962 de Mandira.

Interpretando o mapa de 2018 (Figura 6) nota-se que essas mesmas áreas classificadas como de cultura agrícola e solo exposto (de 1962) tornaram-se florestas - capoeiras em processo de sucessão ecológica (estágio médio- 40 anos) da mata atlântica. Isso significa que o ambiente possui bancos de sementes que permitiram essa recuperação natural. A área de floresta aumentou, porém, à custa do processo de expropriação que a comunidade sofreu, já que essas áreas são aquelas que foram vendidas e estão no processo de identificação do quilombo. Marcas, aqui desveladas.

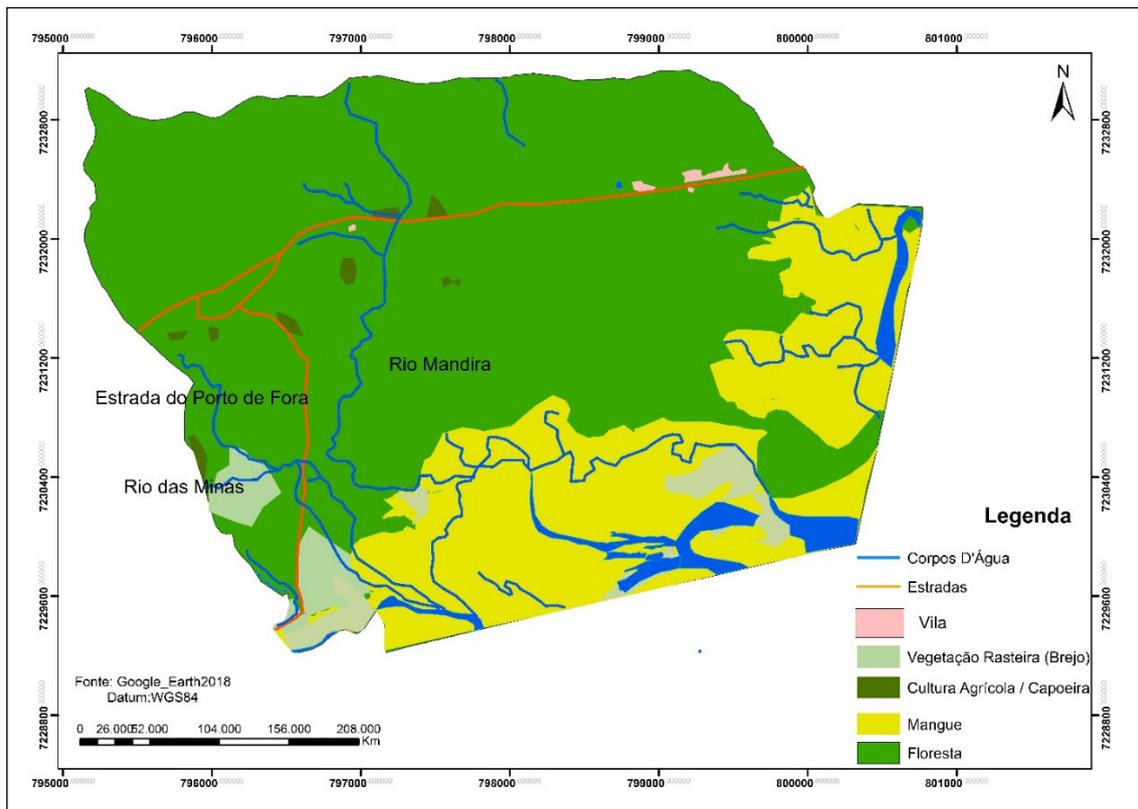


Figura 6. Mapa de cobertura e uso da terra atual (2018) de Mandira.

Em direção à planície fluvio-marinha do território Mandira, as formações são bem complexas e transicionais. Nessa área tem-se a floresta de mata atlântica, restingas e manguezais. Há ecótonos, áreas transicionais, sujeitas à dinâmica das marés que tanto podem se tornar uma área de manguezal, como uma área de restinga. No campo, verificou-se a presença de várias mudas de árvores do manguezal. Não foram notadas mudanças significativas na comparação, somente inclusões de viveiros para criação de ostras nos limites da reserva extrativista.

A floresta de mata da planície é composta por vegetação com altitudes menores (máxima de 15 metros) e sub-bosque denso. De acordo com o trabalho de campo realizado, nas áreas de brejos encontra-se muitas Caixetas (*Tabebuia cassinoides*), localizados no encontro dos rios Mandira e das Minas (a sudoeste).

A paisagem da planície é muito dinâmica. Analisando o mapa de 1962 (Figura 5) o rio Mandira desaguava no rio das Minas, e este seguia seu curso a leste, rumo ao estuário. Parte desse encontro das águas também estava seguindo para o sul. Atualmente, as águas do rio das Minas, seguem para a calha sul, abandonando seu antigo curso, e o rio Mandira segue a leste pelo antigo percurso do rio das Minas (vide Figura 8). Um tema que pode ser investigado por pesquisas na área de hidrologia.

Quanto aos manguezais, o mangue vermelho (*Rhizophora mangle*) é predominante, já que as marés invadem periodicamente essas áreas. É do manguezal, rico em crustáceos, ostras e outros organismos marinhos, que a comunidade Mandira retira seu recurso econômico

principal desde 1976. A comunidade construiu viveiros para a ostreicultura (Figura 7) e respeita o período de reprodução da espécie que acontece entre dezembro a fevereiro.



Fonte: Foto de Luciene Cristina Risso (2018).

**Figura 7.** Senhor Francisco Mandira nos viveiros de ostra da RESEX Mandira.

Mesmo com o extrativismo, os manguezais, estão em ótimo estado de conservação, tanto de suas águas, como da flora e fauna. As águas límpidas dos rios permitem ver peixes tanto nos rios de água doce, quanto nos estuários. Nas águas do rio Boaciquinha, rodeado pelo mangue vermelho, pode-se observar vários filhotes de peixes, como o bagre.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos resultados observados a partir dos mapeamentos realizados na área investigada, a comunidade quilombola de Mandira estava situada a oeste do território, fato comprovado pelas áreas delimitadas de solo exposto e culturas agrícolas, que caracterizam suas territorialidades do passado, servindo de luta, para a delimitação da terra do quilombo e de seus direitos. Áreas estas que estão atualmente em processo de sucessão florestal (Figura 6), chamadas também de áreas de capoeiras, incluídas no processo do quilombo, pois são áreas de memórias do passado da comunidade e de seus antepassados (vide RISSO, 2018).

De forma geral, observando e comparando os usos da terra, o território está muito conservado, sendo uma comunidade caracterizada pela sustentabilidade de suas paisagens repletas de mata atlântica e manguezais.

Portanto, a produção dos mapeamentos associada ao contexto histórico e cultural foi fundamental para a interpretação e explicação das transformações espaciais e geográficas.

## REFERÊNCIAS

- COMISSÃO PRO INDÍO - CPI. **Comunidades quilombolas no Estado de São Paulo**. Disponível em: <<https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/>>. Acesso em 9 mar. 2022.
- COSGROVE, D. A. Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: Correa, R.L.; Rosendahl, Z. **Paisagem, tempo e cultura**. 2 ed., Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p.92-123.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios a multiterritorialidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico de uso da terra**. 3 ed. Rio de Janeiro, 2013.
- LICCARDO, A. SOBANSKI, A., CHODUR, N.L. O paraná na história da minerao no Brasil do século XVII. **Boletim Paranaense de Geociências**, Curitiba, [s.v.], n. 54, p. 41-49, 2004.
- MIGUEL, Y.D.DE C.; PAULA JUNIOR, A.F.DE. Território ancestral no terreiro da Caiumba: sacralidade e espiritualidade Bantu no oeste paulista. In: ENCONTRO NACIONAL DE PS-GRADUAO E PESQUISA EM GEOGRAFIA – ENANPEGE, 13, 2019, **São Paulo**. **São Paulo**: Anpege, 2019. p.1-13. Disponível em: <[http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562595652\\_ARQUIVO\\_ANPEGE.ARTIGOFINAL.pdf](http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562595652_ARQUIVO_ANPEGE.ARTIGOFINAL.pdf)>. Acesso em 11 dez.2019.
- NOGUÉ, J (Ed.). **El paisaje en la cultura contemporânea**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2008.
- MUNANGA, K. Origem e histrio do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, v.2, n.8, p.56-63, dez./fev. 1995/96.
- PAISAGENS e memórias**. [por] Luciene Cristina Risso. [S. l.: s. n], 2022. 1 vídeo (01:07 min). Publicado pelo canal do Youtube da TV UNESP. Programa Papo acadmico. Produo: Cláudia Paixão e Monica Ishikawa. Edio: Octávio Nascimento. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zSE05nQ9ZmY>>. Acesso em: 19 de jul. 2022.
- RISSO, L.C. **Estudo da paisagem: história, percepoes e memórias de rios**. Ourinhos: UNESP, 2018. (Relatório Final de pesquisa interna FAPESP).
- ROMARIZ, D. de A. **Aspectos da vegetao do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Oficina de Texto, 1996.
- ROSS, J. L.S. **Ecogeografia do Brasil: subsídios para planejamento ambiental**. São Paulo: Oficina de textos, 2006.
- SANTOS, A. B dos. **Colonizao, quilombos: modos e significados**. Brasília: UNB, 2015.
- SILVEIRA, Y. K. **Sobre territórios e quilombos: um estudo na comunidade Mandira**. 2017. 192 fls. Dissertao (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2017.
- TURATTI, M. C. M. **Relatório técnico científico sobre os remanescentes da comunidade de quilombo de Mandira/Cananeia, SP**. São Paulo: ITESP, 2002. Disponível em: <[http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/acoes/rte/RTC\\_Mandira.pdf](http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/acoes/rte/RTC_Mandira.pdf)>. Acesso em: 7 mar. 2022.